

## Museologia social em movimento

*Mario Chagas\**  
*Paula Assunção\*\**  
*Tamara Glas\*\*\**

### I

Fim de inverno na cidade do Rio de Janeiro. De dia o sol se impõe, mas ainda assim o frio leve atravessa o cotidiano e deixa a sua marca. À noite a temperatura é um pouco mais baixa e o céu sem nuvens permite observar as estrelas. Os ventos estão presentes, mas não são desagradáveis. A cidade ainda respira os ares do mês de junho quando as manifestações populares e os movimentos sociais tomaram as ruas do país.

Foi nesse clima que ocorreu a XV Conferência Internacional do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), no período de 8 a 10 de agosto de 2013, com base no Museu da República, no Museu da Maré e no Museu de Favela, e ampla participação de estudantes, professores, pesquisadores, técnicos, artistas, militantes de movimentos sociais e colaboradores dos museus sociais.

Durante três dias representantes e simpatizantes do MINOM estiveram reunidos e dedicados ao debate sobre a teoria e prática da Museologia Social ou sociomuseologia.

O MINOM adotou como referência o tema da XXIII Conferência Geral do ICOM, realizada no período de 11 a 17 de agosto de 2013. Nesse sentido, a equação “Museu (Memória + Criatividade) = Mudança Social” ganhou destaque e norteou os debates. A respeito do tema, o próprio MINOM, ao divulgar a sua Conferência, postou o seguinte reflexão:

A equação-tema não é uma fórmula, é uma provocação, é um desafio ao pensamento. Compreendê-la como fórmula é desistir de compreendê-la. Trata-se de uma espécie de “poematemática”, de uma brincadeira, de um gesto lúdico que tem a intenção de dizer que a arte e a ciência dependem da memória e da criatividade e

que a força e a potência dos museus podem ser multiplicadas pela articulação e associação entre memória e criatividade, e que tudo isso pode desaguar na transformação social. Sem criatividade a memória fica estagnada, sem memória a criatividade é impossível. A articulação ampla e multiplicadora entre Museu, Memória e Criatividade pode contribuir para a transformação social.

Mais de sessenta participantes estiveram presentes na XV Conferência Internacional do MINOM, vindos de pelo menos cinco países e de 17 cidades do Brasil. Durante os três dias foram apresentados 24 trabalhos por professores, estudantes, trabalhadores e colaboradores de museus. Foram também realizadas três visitas de campo: uma ao Museu da República, outra ao Museu da Maré e outra ainda ao Museu de Favela das comunidades do Pavão, Pavãozinho e Cantagalo.

Desde sua criação em 1985, em Portugal, o MINOM vem se afirmando como um espaço propício para o intercâmbio e o desenvolvimento de teorias e reflexões inovadoras no campo da Museologia Social, vem estimulando e apoiando as experimentações e os processos museais inovadores. Esse foi o espírito da Conferência do Rio. Como um par dialético indissociável, teoria e prática estiveram presentes, compondo uma práxis museal transformadora.

Tudo isso está registrado na **Declaração MINOM Rio 2013** que temos a alegria de examinar e apresentar no presente artigo. Estamos convencidos de que com a XV Conferência do MINOM e com a Declaração do Rio abrimos novos horizontes e novas perspectivas teóricas e práticas para a Museologia Social.

## II

Ao longo das últimas três décadas o MINOM, valorizando o trabalho coletivo e participativo, vem compreendendo o museu como um dispositivo estratégico para a defesa da dignidade social, da cidadania e do direito à criatividade e à memória. Nesse sentido, o museu não tem valor em si, mas o valor que lhe é atribuído pela sociedade e pela comunidade da qual surgiu e para a qual trabalha. O seu acervo é constituído pelas demandas sociais e, por isso

mesmo, está comprometido com a melhoria da qualidade de vida e com a geração de benefícios para a comunidade local.

A XV Conferência Internacional do MINOM construída com essa mesma tônica criou mecanismos de participação nacional e internacional.

Antecedendo a Conferência houve um trabalho de preparação, articulação e mobilização que durante meses envolveu diversos atores sociais. Esse trabalho constituiu um indicativo claro de que a Museologia Social alcançou um nível de enraizamento que ultrapassa os limites fixados pelo poder público e se afirma como movimento social independente.

Algumas questões contemporâneas que tocam de modo sensível os museus sociais e os denominados pontos de memória podem ser traduzidas nos seguintes termos: como garantir, por meio de uma política pública de cultura, o compromisso de investimentos sistemáticos e continuados em iniciativas de memória e em processos museais de base comunitária e de alcance popular? Como garantir que os investimentos públicos nessas iniciativas e processos inovadores não sejam utilizados para cooptá-los e amordaçá-los? O que fazer para enfrentar a ampliação da visibilidade, sem reduzir a autonomia e o protagonismo das iniciativas de memória e dos processos museais populares e comunitários?

Estas e outras questões estiveram presentes e informaram a **Declaração MINOM Rio 2013**. O processo de construção da Declaração foi participativo e levou em conta a polifonia do encontro; de algum modo, a Declaração reflete o coletivo, o espírito do seu tempo e, por isso mesmo, é possível que seja inovadora. O tempo dirá.

### III

A **Declaração MINOM Rio 2013** compõe-se de duas partes bastante nítidas e diferenciadas, uma apresenta considerações e a outra recomendações.

A primeira parte firma posição a favor de uma “Museologia com intenção de mudança social, política e econômica, a partir da

mobilização social, por intermédio de um processo de conscientização vinculado à memória e que reconhece as tensões e os vários tipos de violências sofridas pelos seres e agentes portadores de memória [...]”.

A afirmação de uma museologia que assume sem rodeios e sem receios a sua intenção de contribuir para a mudança social, política e econômica é suficiente para tornar os participantes da XV Conferência em herdeiros da Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972) e da Declaração de Quebec (1984) e, ao mesmo tempo, em construtores de futuro. Estamos aqui diante de uma perspectiva museal que, ancorada no social, avança em direção ao político e ao econômico.

A primeira parte da referida Declaração apresenta um conjunto de considerações, defende a quebra de “hierarquias de poder, a fim de que surjam novos protagonistas de suas próprias memórias”; sustenta a compreensão dos “museus comunitários como processos políticos, poéticos e pedagógicos em permanente construção e vinculados a visões de mundo bastante específicas”.

Essas considerações indicam o compromisso com uma visão de mundo de caráter libertário que reconhece a importância de se estimular, a partir da memória e dos museus sociais, novos agenciamentos, novas linhas de fuga, novos processos de empoderamento.

Seguindo por esse caminho os participantes da XV Conferência colocaram em relevo a “atuação dos museus sociais, dos museus comunitários, dos ecomuseus, dos museus de favela, dos museus de território, dos museus de percurso e dos espaços museais”, reconhecendo que para todos eles deve ser assegurado o pleno direito de desenvolver experiências libertadoras. Não é o desejo de eternidade o que move esses museus, eles se assumem como transitórios, são resultado de uma museologia da transitoriedade, eles vão e voltam, abrem e fecham, “fazem e desfazem suas memórias, sentimentos, ideias, sonhos, ansiedades, tensões, medos e vivem sua própria realidade, sem pedir permissão às autoridades estabelecidas”. Isso é novo.

Por fim, a **Declaração MINOM Rio 2013**, em sua primeira parte, sustentando postura inovadora e exemplar, reconhece “que todos esses museus e processos museais assumem seus próprios *jeitos* de musealizar e se apropriam e fazem uso dos conhecimentos do modo que lhes convém”.

Desarmando a crítica rasa e ligeira que diz que toda museologia é social e que, portanto, não faz sentido falar em Museologia Social, o MINOM sustenta o entendimento de que a Museologia Social é uma práxis de combate às práticas preconceituosas, racistas, moralistas, autoritárias, aristocráticas, hierarquizantes, homofóbicas e xenofóbicas assumidas por determinados museus e orientações museológicas, a partir de seus ideólogos e operadores.

Na contramão de uma museologia normativa e frequentemente perversa impõe-se a Museologia Social, sensível, compreensiva e libertária, “constituída de novas formas de afetividade, respeito mútuo e indignação”. A **Declaração MINOM Rio 2013** coloca “em destaque a compreensão de que a Museologia Social consiste num exercício político que pode ser assumido por qualquer museu, independentemente de sua tipologia”.

#### IV

A segunda parte da **Declaração MINOM Rio 2013** coloc energia nas considerações anteriores e recomenda uma nova postura museológica que, ao invés de dizer “isso pode e isso não pode”, “isso é e isso não é”, exercite a escuta compreensiva, sem perder a potência crítica e libertária. Por esse caminho, será possível reconhecer, respeitar e valorizar “as diferenças de ritmos, atitudes, tempos, materialidades, territorialidades e linguagens que favoreçam os movimentos sociais” e também a “criação de estratégias libertárias diante das diferentes formas de opressão”.

Em sua segunda parte, a Declaração do MINOM sublinha o caráter dinâmico e contemporâneo da memória. Sem esquecer que ela pode ser e tem sido utilizada para a tirania e para a repressão, os participantes da XV Conferência sublinharam a importância “dos estudos das memórias numa perspectiva libertadora” e de respeito

à dignidade humana.

Sem abandonar a imaginação criadora e transformadora da sociedade civil e do movimento social, o MINOM reforça a importância do investimento público na “concepção, desenvolvimento e consolidação de políticas públicas de apoio e fomento, adequadas aos novos processos museais”. Não devemos aceitar que o Estado se exonere de suas responsabilidades em relação à cultura.

A transversalidade da cultura é radical, por isso a nossa defesa da cultura também deve ser radical. A transversalidade dos museus é radical, por isso a nossa defesa dos museus também deve ser radical.

Nesse sentido, é fundamental estimular e respeitar a pesquisa e a difusão de novos processos museais, a valorização e a produção de novos saberes e fazeres, as instituições educacionais e culturais que trabalham a favor dos protagonismos comunitários e, por fim, o “respeito pelos diferentes pontos de vista e modos de qualificar e narrar experiências”.

## V

Descolonizar o pensamento. Descolonizar a museologia e os museus. Esse é o desafio da Museologia Social e do MINOM. Esse desafio foi enfrentado de modo radical pelos participantes da XV Conferência Internacional do Movimento Internacional para uma Nova Museologia. Não é de hoje o questionamento da expressão Nova Museologia, talvez seja mesmo a hora de mudanças. O MINOM está pronto para elas.

### **Declaração MINOM Rio 2013<sup>1</sup>**

**XV Conferência Internacional do Movimento Internacional para uma Nova Museologia (MINOM), realizada no Rio de Janeiro, Museu da República, Museu da Maré e Museu de Favela.**

Em defesa de uma Museologia com intenção de mudança social,

política e econômica, a partir da mobilização social, por intermédio de um processo de conscientização vinculado à memória e que reconhece as tensões e os vários tipos de violências sofridas pelos seres e agentes portadores de memória, consideramos a importância de:

a) Reafirmar os princípios anunciados nas Declarações de Santiago do Chile, 1972, e de Quebec, 1984;

b) Quebrar hierarquias de poder, a fim de que surjam novos protagonistas de suas próprias memórias;

c) Compreender os museus comunitários como processos políticos, poéticos e pedagógicos em permanente construção e vinculados a visões de mundo bastante específicas;

d) Dar relevo à atuação dos museus sociais, dos museus comunitários, dos ecomuseus, dos museus de favela, dos museus de território, dos museus de percurso e dos espaços museais. Todas essas organizações tiram e põem, fazem e desfazem suas memórias, sentimentos, ideias, sonhos, ansiedades, tensões, medos e vivem sua própria realidade, sem pedir permissão às autoridades estabelecidas;

e) Reconhecer que todos esses museus e processos museais assumem seus próprios “jeitos” de musealizar e se apropriam e fazem uso dos conhecimentos do modo que lhes convém;

f) Colocar em destaque a compreensão de que a Museologia Social consiste num exercício político que pode ser assumido por qualquer museu, independente de sua tipologia.

Por tudo isso, recomendamos que as considerações anteriores passem a representar os princípios de uma museologia sensível e compreensiva, constituída de novas formas de afetividade, respeito mútuo e indignação; recomendamos que estes princípios constituam as bases de uma museologia que tenha capacidade de escuta e que reconheça:

As diferenças de ritmos, atitudes, tempos, materialidades, territorialidades e linguagens que favoreçam os movimentos sociais;

A criação de estratégias libertárias diante das diferentes formas de opressão;

O caráter dinâmico da memória e a importância de dialogar com seu tempo;

A valorização dos estudos das memórias numa perspectiva libertadora e do respeito pela dignidade humana;

A urgência de concepção, desenvolvimento e consolidação de políticas públicas de apoio e fomento, adequadas aos novos processos museais;

O estímulo à pesquisa, produção e difusão desses novos processos museais, respeitando as peculiaridades de cada experiência museal;

Os saberes e fazeres referenciados nas culturas locais e nos movimentos sociais;

As instituições educativas e culturais que trabalham com os protagonismos museais e comunitários;

O caráter democrático do confronto de ideias, do processo de construção de memórias e do respeito pelos diferentes pontos de vista e modos de qualificar e narrar experiências.

## Notas

\* Poeta, museólogo, licenciado em Ciências, mestre em Memória Social (UNIRIO) e doutor em Ciências Sociais (UERJ). Um dos criadores da Política Nacional de Museus, do Sistema Brasileiro de Museus, do Cadastro Nacional de Museus, do Programa Pontos de Memória, da Política Nacional de Educação Museal e do Ibram. Assessor do Museu da República e professor da UNIRIO com atuação na Escola de Museologia, no PPGPMUS, no PPGMS, na ULHT e no PPGMUSEU da UFBA. Participação em Redes e Sistemas de Museus e Museologia espalhados pelo Brasil. Tem contribuído para a teoria e a prática da Museologia Social.

\*\* Presidenta do Movimento Internacional para uma Nova Museologia desde 2011, membro de sua diretoria desde 2006, membro da diretoria do ICOM/ICTOP. Professora de Teoria do Patrimônio e de Sociomuseologia na Reinwardt Academy, em Amsterdã, Holanda. Tem escrito, organizado e participado de diversas publicações de sociomuseologia.

\*\*\* Secretária do Movimento Internacional para uma Nova Museologia desde 2011. Doutoranda em Sociologia pela Universidade Denis Diderot, Paris. Trabalha como designer de exposição, na França.

1 O documento, resultado de um trabalho coletivo, contém contribuições coletadas a partir das intervenções dos participantes da XV Conferência Internacional do MINOM, foi aprovado por aclamação na Assembleia Geral do MINOM, realizada no dia 10 de agosto de 2013, no Museu da República, e foi sistematizado por representantes do Ecomuseu Nega Vilma, do Museu da Maré, do Museu de Etnografia de Neuchâtel, do Museu de Favela, do Museu Sankofa da Rocinha, do Museu Vivo de São Bento, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, da Universidade Federal de Rondônia e da Universidade de Brasília.

Rio de Janeiro, 10 de agosto de 2013.